

# A COMPLEXIDADE GRAMATICAL DO VERBO *BATER*: UMA VISÃO METAFÓRICA

Alvanira Lucia de BARROS (UFPB)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a trajetória do verbo *bater*, a partir de ocorrências de expressões idiomáticas, buscando refletir acerca deste verbo sob o enfoque dos aspectos sintático-semânticos e pragmáticos. Nosso objetivo é mostrar que o processo gradual de mudança de *status* de um verbo, como *bater*, pode-se estabelecer pela apropriação de novo sentido que lhe é dado pelo falante/ouvinte de uma comunidade, em contextos específicos de uso. A referida descrição apresenta, como aparato teórico, o paradigma da gramaticalização e sua relação com a abordagem cognitiva da metáfora de Lakoff e Johnson (2002).

**ABSTRACT:** This work presents a reflexion about the trajectory of the verb *bater*, by the occurrences of idioms, trying to reflect about this verb under the approach of syntatic-semantic and pragmatic aspects. Our aim is to show that the gradual process of changing of a verb status such as *bater* can be established by the appropriate use of a new meaning of the term given by the speaker/listener of a community, in specific contexts. The mentioned description presents, as a theoretical array, the grammaticalization paradigm and its relation with the cognitive approach of Lakoff and Johnson's metaphor (2002).

## 1 Introdução

Este texto apresenta uma reflexão sobre a descrição do verbo *bater* sob o enfoque dos aspectos sintático-semânticos e pragmáticos. Nosso objetivo é mostrar uma trajetória que parte do sentido mais concreto para o mais abstrato, considerando os contextos em que o verbo se insere e as funções por ele desempenhadas na sua forma mais abstrata. As línguas naturais fazem parte da cognição humana, por isso envolvem outros domínios que indicam a necessidade de um estudo em diferentes abordagens teóricas. Nessa perspectiva, nossa descrição apresenta, como aparato teórico, o paradigma da gramaticalização e sua relação com a abordagem cognitiva da metáfora de Lakoff e Johnson (2002).

O paradigma cognitivo da metáfora é interpretado como um processo cognitivo fundamental, constitutivo da linguagem e do pensamento, sendo assim, sua compreensão requer atenção especial, por implicar no desenvolvimento do raciocínio analógico e na capacidade interpretativa do leitor diante da pluralidade dos significados.

Para Lakoff e Johnson (op. cit.), a perspectiva cognitiva metafórica permeia a linguagem ordinária ou cotidiana. As metáforas da vida cotidiana se manifestam de diferentes maneiras na língua e regem nossos pensamentos e nossas ações.

Segundo Vilela, (2002, p. 71), as estruturas, ou unidades lingüísticas, dependem da conceptualização. Aquelas afetam esta última, o que, como consequência, resulta necessariamente no condicionamento, tanto para as estruturas cognitivas como para a conceptualização, seja pela experiência pessoal, do universo circundante ou pelas relações recíprocas entre o homem e o mundo.

As estruturas ou unidades lingüísticas fazem parte da categorização e influenciam-na, e a sua organização está feita em protótipos, esteriótipos e semelhanças de famílias. Já não é a pragmática que superordena o conjunto da comunicação, mas sim a semântica, que faz com que o todo comunicativo tenha conteúdo. Há uma continuidade e uma conexão entre a linguagem e as demais capacidades cognitivas: conceptualização, categorização, memória, atenção, etc. A competência lingüística (e também a competência gramatical) é um aspecto da capacidade da inteligência humana. Tudo é motivado semanticamente, inclusive a sintaxe. O significado é tido como enciclopédico. (VILELA, 2002, p. 71)

Vilela (op. cit.) considera que as construções lingüísticas têm uma correlação com os esquemas construcionais, tanto no âmbito do léxico ou de gramática, como no de morfemas derivativos ou flexionais. Nessa linha de raciocínio, o protótipo exerce um papel relevante, sendo ele a representação mental do

---

<sup>1</sup> Pós-graduação em Letras/UFPB – alvanirabarros@hotmail.com

modelo típico de uma determinada categoria, considerando outros modelos mais ou menos próximos do modelo tido como ótimo, ou o protótipo. Fazer parte de uma categoria não implica em demarcar limites, podendo-se estar numa linha aproximada ou mais distante do eixo central – os protótipos. Koch e outros pesquisadores (2004, p. 276), muito apropriadamente, definem a noção de categoria e protótipos:

Para um ente pertencer a uma determinada categoria, ele não necessita exibir certas características, preencher determinados requisitos que definem o que é fazer parte de uma categoria qualquer. Fazer parte de uma categoria não é questão de sim ou não. Existem membros mais centrais em cada categoria e outros mais marginais, e os elementos que estão no centro tendem a ser considerados como os protótipos dessa categoria.

Assim, entendemos que as categorias exibem graus de atributos indicadores de uma hierarquia entre alguns membros; uns ocupando uma posição central ou básica, outros se afastando e se tornando mais abstratos ou mais específicos dentro de uma categoria X. Através desse contínuo prototípico as estruturas lingüísticas transformam-se em metaforizadas. Estas, além de enriquecerem a linguagem, denotam a realidade com nuances diversificadas. Vejamos os exemplos dos itens seguintes:

1. O sino *bateu* foi à hora da Ave Maria; (BORBA, 1999)
2. Não gosto de *bater* em fedelho; (Corpus Folha de São Paulo, 1999)
3. ...ver se os projetos do Palmeiras vão *bater* com os meus... (Idem)

Temos, nos itens (1 e 2), o verbo *bater* como uma categoria que se encontra ao nível básico, no sentido mais concreto da palavra; diferentemente do que ocorre em (3), quando ocorre um sentido mais abstrato em relação à noção concreta referente ao verbo.

O nível básico, ou central, serve como o parâmetro de referência para traçar a linha hierárquica que guiará a categoria em relação a sua referência básica. Ou seja, é o nível mais geral, a partir do qual derivam-se atributos que se aproximam ou se afastam do eixo básico prototípico da palavra.

A semântica cognitiva, segundo Lakoff (1987), trabalha a linguagem com uma perspectiva ampla e flexível relativa ao significado das categorias. Sob essa ótica, as pessoas entendem o mundo mediante modelos diferentes de categorização dos ideais possíveis, em função da natureza das estruturas estarem abertas, portanto, sujeitas a variações.

Nesse sentido, analisaremos as construções lexicais nas quais o verbo *bater* percorre um trajeto que parte do nível básico para conceitos mais abstratos.

## **2 O funcionalismo lingüístico e o valor cognitivo da metáfora.**

O funcionalismo lingüístico se destaca das abordagens formalistas conhecidas como estruturalismo e gerativismo, principalmente, por conceber a linguagem como um instrumento de interação social. Além disso, por cruzar os eventuais fatores lingüísticos com os contextos discursivos de uso.

A base da gramática funcional reside na noção de instrumentalidade da língua e na sistematicidade de sua estrutura, explicando as regularidades das línguas e, através destas, os aspectos recorrentes nas circunstâncias em que as pessoas as usam. A gramática funcional ocupa, assim, uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou da instrumentalidade do uso da língua.

A abordagem funcional se baseia na função exercida pelas unidades estruturais e em processos diacrônicos recorrentes que encontram, em sua maioria, uma motivação funcional. Assim sendo, a linguagem é encarada como uma ferramenta que se adapta às funções que exercem, sendo assim, podendo ser explicada com base nessas funções, que são, em última instância, comunicativas.

O ponto de vista funcional é também encontrado na Escola Lingüística de Praga, cujos herdeiros mais importantes são Roman Jakobson e André Martinet (LEPSCHY, 1975). Jakobson acrescentou três outras funções às de Bühler, ampliando a noção de função da linguagem restrita a referência para um total de seis, as quais são relacionadas a fatores intervenientes no ato de comunicação verbal, como por exemplo: ao contexto, função referencial; ao remetente, função emotiva; ao destinatário, função conativa; ao contato, função fática; ao código, função metalingüística, e, à mensagem, função poética.

Entre esses seis fatores envolvidos no processo de comunicação, ora existe a predominância de uma função num determinado enunciado, ora noutro enunciado, configurando-se, em cada mensagem, a predominância de uma função primária sobre as secundárias.

A proposição de que toda a explicação lingüística deve ser baseada na relação entre linguagem, uso e contexto social, conduz à tarefa de explicar o fenômeno lingüístico tendo como referência o contexto sócio-interacional no qual estão situados falante, ouvinte e a pressuposta informação pragmática de ambos.

A perspectiva da linguagem, como instrumento de interação social, tem por objetivo revelar a instrumentalidade da linguagem no quadro das circunstâncias sociais. Dik (apud NEVES, 2004) considera que o processo de interação verbal é uma atividade cooperativa estruturada em torno de regras sociais e convenções. Por sua vez, as regras inerentemente lingüísticas devem ser consideradas instrumentais em relação aos objetivos comunicativos da interação verbal. Por isso, o compromisso primeiro do enfoque funcionalista é descrever a linguagem não como um fim em si mesmo, mas como uma condição pragmática da interação verbal.

Dentro do funcionalismo existem escolas e abordagens de caráter não homogêneo. Como decorrência disso, o termo “funcional” é relativo diante da variedade de modelos teóricos, de modo que se torna difícil a existência de uma teoria única, ou melhor, que seja compartilhada por todos que se identificam com a corrente funcionalista. Porém, todas as correntes apresentam uma base comum: a de que uma análise lingüística deve levar em consideração o componente discursivo que desempenha um papel preponderante na gramática de uma língua.

Alves (2001, p. 45) afirma que a abordagem de um fenômeno lingüístico nem sempre deve estar restrita a uma linha de pesquisa com um universo teórico limitado. Dessa forma, uma análise das representações discursivas das estruturas lingüísticas do português deve contemplar abordagens sintático-semântica e pragmática.

Ao nível sintático, as funções gramaticais derivam das formas de organização e estruturação lingüística que são determinadas pelo elemento principal: o verbo e seus argumentos. Ao nível semântico, o conhecimento dependerá do alcance, por parte dos interlocutores, dos significados das palavras envolvidas no discurso. Ao nível pragmático, é considerado o contexto situacional, espaço de produção do discurso, além das intenções comunicativas do falante ao utilizar determinados recursos lingüísticos, “que podem funcionar como índices do fluxo discursivo/informacional”. (ALVES, 2001, p. 45).

O papel do componente discursivo na gramática tem sido ilustrado por estudos diversos. O clássico estudo de Hopper e Thompson (1980), que defende a interferência de fatores discursivos no mecanismo da transitividade, considera que o pensamento e a comunicação humana registram o universo individual como sendo uma hierarquia de graus de centralidade/perifericidade, objetivando facilitar a representação interna e sua exteriorização para as pessoas. O percurso hierárquico de graus vai incidir no *status* prototípico.

Nessa perspectiva, os usuários da língua constroem suas sentenças de acordo com seus objetivos comunicativos e com sua percepção das necessidades do ouvinte. Por isso, nos eventos de fala, algumas partes do que se diz são mais relevantes que outras. Tais relevâncias dão sustentação, ampliam o discurso e são denominadas de fundo; enquanto o material que fornece os pontos principais do discurso denomina-se de figura (PEZATTI, 2004, p. 190).

A parte da figura compreende o esqueleto do texto; sua estrutura básica, e, como tal, contribui para o discurso progredir, enquanto a parte de fundo vai além dessa estrutura básica sem fazer parte da coerência estrutural, portanto, sem contribuir para a progressão discursiva.

Para Pezatti (2004) as línguas possuem recursos morfológicos e sintáticos que refletem o relevo discursivo, apontando, em outros termos, indícios que denotam se uma sentença é figura ou fundo. Esses meios, figura e fundo, variam desde partículas discursivas, colocadas em pontos estratégicos para prevenir o ouvinte de que a oração corrente ou subsequente é fundo ou figura, até a elaboração de paradigmas verbais (tempo e aspecto) especializados para essa distinção.

Tais apontamentos justificam nossa proposta de análise. Esta pode ser concretizada com a aplicação do modelo funcionalista e sua relação com a abordagem cognitiva da metáfora de Johnson e Lakoff (2002). Acreditamos que essa abordagem possibilita uma interpretação das diversas formas de realização da linguagem, uma vez que a significação das palavras não surge apenas em função do aspecto puramente lingüístico, mas decorrem igualmente das condições de produção.

Para a tradição retórica que se iniciou com Aristóteles no século IV a. C., a metáfora era considerada apenas como um fenômeno de linguagem, um ornamento lingüístico, sem valor cognitivo. A metáfora também era entendida como um desvio da linguagem usual, própria de linguagem especial, presente na poética e persuasiva. Além disso, era tida como indesejável no discurso científico, que, por sua vez, apresentava como marca principal o mito do objetivismo característico da cultura ocidental, especialmente na sua filosofia, dos pré-socráticos até hoje.

O mito do objetivismo entendia a linguagem de forma literal, clara, precisa e determinada. A ciência se fazia com razão e o literal, enquanto a poesia se fazia com a imaginação e a metáfora.

A partir do século XX, inicialmente na filosofia, começam a surgir mudanças nesse quadro. Nesse novo contexto, o mito da metáfora, como figura de retórica, começa a ser questionado por vários filósofos, entre os quais destacam-se Ricoeur, Bearsdley e Black apud Lakkof e Johnson. (2002, p.12)

Um dos pontos básicos da mudança paradigmática refere-se à rejeição do pressuposto objetivista, segundo o qual nosso acesso às verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo se dá por meio da razão, conforme a tradição racionalista de Aristóteles, Descartes e Kant, ou por meio da percepção sensorial, com Locke e Hobbes.

Nesse momento, a visão tradicional a respeito da metáfora e da linguagem figurada, em geral, passa a ser objeto de revisão crítica. A metáfora passa, então, a ter seu valor cognitivo reconhecido, mudando do *status* de uma simples figura de retórica para o de uma operação cognitiva fundamental.

Assim, a partir da década de 1970, a metáfora passa a ser um importante objeto de interesse das ciências humanas, especialmente das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva.

Na década de 1980, *Metáforas da vida cotidiana*, de Lakoff e Johnson, efetivamente, provoca uma revolução nas pesquisas sobre metáfora, ao introduzir novas orientações, estas diferentes dos caminhos percorridos pelos psicólogos e cognitivistas, até então. Lakoff e Johnson (2002), partindo da análise de expressões lingüísticas, inferiram um sistema conceptual metafórico, subjacente à linguagem, que influencia nosso pensamento e nossa ação.

Entendemos que o processo gradual de mudança de *status* de um verbo como *bater*, por exemplo, pode-se estabelecer pela apropriação de um novo sentido para o termo, que lhe é dado pelo falante/ouvinte de uma comunidade, em contextos específicos de uso. Esse novo sentido, transformado em um dizer metafórico, dá uma ênfase especial de uso que marca, por exemplo, o estilo retórico presente nos textos jornalísticos, os quais insinuam uma prática de persuasão aos leitores desatentos. É nessa perspectiva, que, ao inventariarmos construções com o verbo *bater* nos textos jornalísticos em diferentes gêneros nos deparamos com peculiaridades que revelam e realçam os discursos.

### 3 Uma retrospectiva histórica

Saraíva (2000, p. 142) mostra que a passagem do verbo *bater* do Latim para o Português, originou-se da seguinte forma:

#### Quadro-1

Bãttũõ ou Bãttũõ, ïs, ï, ãrẽ, verbos transitivos e intransitivos. PLAUT. Bater, cascar, dar massada, desancar, tundar, verberar. § Combater, lutar. <i>Battuere cum aliquo rudibus</i> . SUET. Bulhar, brigar com alguém. § (?) PLIN. Apertar, comprimir.
---

Borba (1990, p. 142-143), no Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil, considera o verbo *bater* do ponto de vista da natureza das relações estabelecidas entre predicado e argumento, por ser esta a responsável pelo estatuto sintático-semântico dos verbos.

#### Quadro-2 Classificação do verbo *BATER* (BORBA, 1990, p. 142-143)

I indica ação-processo	V. Expressões:
1. Com sujeito <b>agente/causativo</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quando passares bate a porta;</li> <li>✓ Bati a tampa da caixa;</li> <li>✓ O vento bateu o portão;</li> </ul>	1. bater a(s) bota(s) = morrer: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Um bocado deles já bateu a bota</li> </ul>
2. Com sujeito <b>agente</b> expresso por nome <b>animado</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O João-de-barro batia as asinhas doloridas;</li> <li>✓ Os soldados fazem continência batendo os calcanhares.</li> </ul>	2. bater cabeça = errar, viver em desacerto: <ul style="list-style-type: none"> <li>• O dia que você se cansar de bater cabeça, “tamos lá à sua espera”;</li> </ul>
3. Com sujeito <b>agente</b> expresso por nome <b>humano</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ As mulheres lidavam com os</li> </ul>	3. bater carteira = furto, roubar: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Antonieta tentou bater-me a carteira.</li> </ul>
	4. bater palmas = aplaudir; <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mas toda a gente bateu palmas;</li> </ul>
	5. bater papo = conversar: <ul style="list-style-type: none"> <li>• E continuei a beber e a bater papo;</li> </ul>

<p>guisados, em terrinhas batiam ovos;          ✓ Lina já bateu o bife.</p>	<p>6. bater pernas = andar à toa, perambular:          ✓ Pálido, encardido, dei para bater pernas de novo;</p>
<p><b>II Indica processo</b>          ✓ O sino bateu foi à hora da Ave Maria;          ✓ Ficávamos imóveis ouvindo a campainha bater;          ✓ O relógio da igreja protestante bateu onze badaladas.</p>	<p>7. bater com a língua nos dentes = falar o que não deve, falar com indiscrição, revelar inconfidência:          ✓ E se a danadinha batesse com a língua nos dentes?</p>
<p><b>III. Indica ação com sujeito agente</b>          ✓ É um verdadeiro crime os pais ( ) baterem nos filhos;          ✓ Não gosto de bater em fedelho;          ✓ Acho que desta vez bateram pra valer.</p>	<p>8. bater a máquina = datilografar:          ✓ Se não, é como qualquer outra atividade, que é preciso tolerar de bom humor. Assim como bater à máquina;</p> <p>9. bater a foto ou a chapa = fotografar, radiografar:          Ele aproveita e bate várias chapas;</p>
<p><b>IV Indica estado com sujeito inativo</b>          ✓ A rosa bate o cravo em perfume;          ✓ Maria bate Joana em beleza;          ✓ Há uma lingüiça lá na venda do Martins que bate qualquer camarão.</p>	<p>10. bater o (cartão de) ponto = marcar o comparecimento:          Subo ao escritório e bato o ponto, 8:30 exato</p>

Borba entende que todo verbo possui de um a três argumentos. Assim, se o argumento for ativo superficialmente na função de sujeito, o verbo será de ação. Se for um verbo afetado, será de processo. Se for ativo ou causativo, implicando um argumento afetado/efetuado, será de ação-processo. Se for um verbo inativo, ou seja, não for nem ativo nem afetado, nem causativo, o verbo será de estado.

A partir do sentido etimológico *dar massada, tundar, combater, lutar, verberar, dar pancadas, brigar com alguém*, os significados do verbo *bater* podem ser distribuídos em dois eixos: *bater* no sentido concreto que implicam “atrito”, “choque”, sendo ou não CLCB (*Bati a tampa da caixa; É um crime os pais ( ) baterem nos filhos;*)<sup>2</sup> etc. e, *bater*, como extensão desse sentido, no caso das expressões, como “*bater em tintin*” (em que o contexto remete para brindar pelo momento), “*bater de frente*”<sup>3</sup> (para o sentido de não se entender). Nestes exemplos, podemos encontrar uma vasta produção em que o sentido semântico-sintático deste verbo aponta para um desgaste semântico.

Na realidade ocorre um deslizamento semântico (VOTRE, 1996, p.128), comum ao processo geral de gramaticalização, no qual o percurso do verbo *bater* vai ao encontro da proposta teórica de Johnson e Lakoff (2002), quando afirmam que a trajetória dos elementos lingüísticos tende a se encaminhar do sentido mais concreto para o mais abstrato. Essa passagem para o abstrato entendida no sentido das possibilidades polissêmicas, que a transformação do termo possibilita. Entretanto, entendemos que o novo sentido – metafórico, proporciona também uma linguagem palpável para a compreensão; nesse sentido, portanto, determinado. Perde-se funções concretas, mas, cognitivamente, o estado de abstração é percebido concretamente, como se pode conferir no exemplos citados no **Quadro-3**.

#### 4 Metodologia

O universo da pesquisa deste estudo é constituído por ocorrências com o verbo *bater*, obtidas no jornal a Folha de São Paulo, edições de 1999 e 2000, abrangendo gêneros textuais diversos, além de dados coletados no Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil (BORBA, 1990) e do Dicionário Latino-Português (SARAÍVA, 2000).

A intenção de abranger a modalidade escrita da língua objetiva analisar textos produzidos por escritores detentores do domínio da norma culta contemporânea, o que, por conseguinte, reflete a norma padrão da língua.

Nosso objeto de estudo diz respeito às ocorrências de estruturas frasais em que o verbo *bater* aparece. Melhor dizendo, são construções constituídas com o verbo *bater* + um nome ou variações, como *bater o pé, bater de frente, bater as botas*. Tais construções recebem várias denominações na literatura lingüística.

<sup>2</sup> Exemplos retirados de Borba, 1999.

<sup>3</sup> Dados retirados do *corpus* Folha de São Paulo, 1999.

Seguiremos, a exemplo de (ALVES, 1999, p. 10) a denominação de “Construções Lexicais Complexas”, especificamente, *construções lexicais complexas com o verbo bater – CLCB*.

Importante ressaltar que essa coleta não teve um caráter sistemático nem foi exaustiva, até por que se trata de um estudo em desenvolvimento. No entanto, a incompletude dos dados não desautoriza o levantamento, pois contempla as metáforas mais comuns, como “*bater papo*”, “*bater o bumbo*”, “*bater de frente*”.

Nossa proposta, portanto, é percorrer a trajetória verbal de *bater*, considerando seu funcionamento nos contextos de língua escrita, quando experimenta um possível processo de gramaticalização, via metáforas.

Apresentamos, agora, os principais resultados da pesquisa. O critério para a investigação no *corpus* foi a presença recorrente de CLCB. Verificamos inicialmente que estas CLCBs constituíam-se como expressões idiomáticas, colocações ou combinações, às vezes já lexicalizadas, coerentes de conceptualização e representação dos dados da experiência: a metáfora. Em um segundo momento, constatamos que a presença dessas metáforas encontram-se, de forma abundante, nos textos jornalísticos, independentemente do gênero considerado, conforme podemos averiguar nos dados a seguir:

### Quadro – 3.a O verbo *Bater* em CLCB - contexto político

CLC – <i>BATER</i>	FRASE EXPLICATIVA	(+/-/±)*
1. Nós ensinamos as pessoas a cobrar de Deus aquilo que está escrito. Se Ele não responder, a pessoa tem de exigir, <u>bater o pé</u> , dizer “estou aqui, estou precisando”, disse à Folha, em 1991, o bispo Edir Macedo, líder da Universal.	Contestar = (Exigir com firmeza)	±
2. O cara de classe média alta, ele simplesmente dizia: “A violência não é comigo”. Só que agora água começou a <u>bater na classe média alta</u> . Começou a <u>bater nos ricos</u> .	Atingir <sup>4</sup>	±
3. Se a CPI do Narcotráfico mantiver o pique decisivo apoio da PF, do Banco Central, da Receita e de governos estrangeiros, vai <u>bater nas conexões internacionais</u> . Em 1997, o repórter Lucas Figueiredo comprovou na Folha as ligações de PC Farias com a máfia italiana. Se virar a mexer, dá liga.	Atingir	±
4. Não vou <u>bater boca</u> com o Covas. Eu tenho mais o que fazer e espero que ele também.	Brigar = (Não vou discutir com o Covas.)	+
5. Nós estávamos reivindicando o (banho de sol) já era doze dias, e eles ainda não tinham “aberto o sol”. O delegado entrou e começou a xingar todo mundo. A gente já estava na maior revolta, então começávamos a <u>bater boca</u> com o delegado.	Brigar	±
6. Algumas CPIS, como a dos empreiteiros, foram abatidas em pleno vôo. Outras, como a da compra de votos em favor da reeleição de FHC, nem chegaram a <u>bater asas</u> . Agora, o país parece ter sido empolgado por uma onda de desrespeito à tradição do crime sem castigo. Aqui e ali, prendem-se prefeitos.	Não chegaram a funcionar, ou não decolou.	+
7. Nós estávamos cheios de <u>bater de frente</u> com a insensibilidade das gravadoras. Não apenas estética que essa não adianta, mas também comercial, que chega ao absurdo de considerar uma banda que vende 50 mil unidades como um fracasso, diz Antunes, em referência à dispensa da banda de Recife pela Sony.	Brigar = (Nós não nos entendíamos.)	±
8. O governo do Rio de Janeiro Anthony Garotinho (PDT), voltou a <u>bater de frente</u> com o presidente nacional do seu	Brigar	±

<sup>4</sup> Este exemplo vai incidir na metáfora descontínua “*bater água nos rios da classe média*”.

partido, Leonel Brizola, antes e durante a um culto evangélico realizado em Campina Grande (MS), no final da tarde de anteontem.		
9. <u>Bater martelo</u> contra essa política é péssima sentença para o país, sobretudo para áreas carentes de profissionais.	Decidir = (Tomar uma decisão favorável em relação a essa política.)	+
10. O corporativismo de algumas áreas não impedira a necessária expansão do ensino superior brasileiro. <u>Bater martelo</u> contra essa política é péssima sentença para o país, sobretudo para áreas carentes de profissionais. É uma condenação que privaria milhões de jovens de uma profissão que sonharam e para qual se sentem vocacionais.	Decidir	-
11. Se a questão era exatamente essa, porque, em vez de ouvi-los, preferiu <u>bater em retirada</u> , levando consigo o ministro da Justiça?	Desistir = (Preferiu sair)	+

### Quadro – 3.b O verbo *Bater* em CLCB - contexto econômico

CLC – <i>BATER</i>	FRASE EXPLICATIVA	(+/-/±)*
12. Agora, fica mais caracterizada a fuga dos investidores que não acreditam que o dólar volte a <u>bater em R\$ 2,00</u> , como ocorreu em outubro. Segundo os analistas desse mercado, este não é o momento de investir em dólar...	Subiu = (atingiu o limite máximo)	±
13. “A transferência de investidores da renda fixa para a renda variável (ações) se acentuou”, diz Walter Mendes, diretor da Schroeder Investment Management. Esse movimento tem feito o Ibovespa (Ind. da Bolsa de Valores de SP) <u>bater sucessivos recordes</u> , como na última 6ª feira quando chegou a 14.783 pontos.	Alcançar	±
14. Essa queda generalizada foi também consequência, em parte, da desvalorização do real, que estimulou os nossos compradores a <u>bater duro</u> e levar para eles boa parte dos ganhos que o nosso país precisava auferir com a mudança cambial.	Derrotar	+
15. Como jornal de rico, o “Bom dia Brasil” fala muito de Bolsa e, como qualquer mulher deduz, de muito dinheiro. A Miriam Leitão deve <u>bater muito o seu pezinho</u> . É a primeira a aparecer com aquela cara de retrato da Dora que Picasso hesitou em assinar.	Contestar	±

### Quadro – 3.c O verbo *Bater* em CLCB - contexto esportivo

CLC – <i>BATER</i>	FRASE EXPLICATIVA	(+/-/±)*
16. E a única coisa ruim do timão é agüentar o Marcelinho Carioca, o saci de duas pernas. E diz que o Marcelinho tava pra <u>bater a falta</u> , quando perguntou pra Jesus: e aí, Jesus, o que eu faço?	Cobrar falta (chutar a bola para fazer gol ou dar continuidade ao jogo).	+
17. Cláudio – A estrutura montada e a torcida. M. Luiza – Eu acho que ele é muito inseguro. A impressão que dá, num jogo, é que, se um jogador <u>bater o pé</u> mais forte e disser “eu quero isso”, ele...	Ser impetuoso = (Se o jogador for decidido.)	±

M. Luiza – O futebol sem torcida organizada não é futebol. A violência está em todos os setores, é uma questão social. O cara que vai para brigar é porque não pode bater no chefe dele, então vai bater em alguém. Isso depende da torcida organizada.		
18. A pressão são-paulina acabou dando resultado aos 20 minutos, quando Marcelinho recebeu pela esquerda e chutou cruzado, rasteiro, para <u>bater André</u> . O SP poderia ter virado o marcador logo em seguida. Santo Horoshi ficou livre na pequena área, conseguiu finalizar, mas chutou em cima de André.	Vencer alguém	±
19. Sempre é bom correr com nuvens e uma garra fina. Meus melhores tempos foram em dias assim. É bom para superar sua marca pessoal, mas torna mais difícil <u>bater as estrangeiras</u> “afirma Cleusa Irineu”, a brasileira mais bem classificada em 1998.	Vencer	±
22. Estou com problemas para <u>bater o tiro de meta</u> , sinto dores nos treinos quando salto muito, quando pulo para o lado direito. Não posso dobrar o joelho rapidamente.	Chutar a bola para fazer gol	+
21. É a única coisa ruim do timão ganhar é agüentar o Marcelinho Carioca, o saci de duas pernas. E diz que o Marcelinho tava pra <u>bater a falta</u> , quando perguntou pra Jesus: e aí, Jesus, o que eu faço?	Chutar a bola para fazer gol	+

#### Quadro – 3.d O verbo *Bater* em CLCB - outros contextos

CLC – <i>BATER</i>	FRASE EXPLICATIVA	(+/-/±)*
22. Com o astral, o moral, o ânimo pra cima, como as pipas, o que pode embaçar tanta alegria? Espero que nada. Este é um daqueles momentos em que realmente as pessoas acreditam na suspensão das penas, das crises, das diferenças. Vou <u>bater em tintin</u> pelo Rio e pelo momento que vivi. E tentar não dar maior importância a alguns detalhes que incomodam.	Brindar pelo momento por esse momento de paz	+
23. A vida não é <u>esse bater</u> , terrível, fundo/no coração, não é compaixão, não é senão jogo sangrento onde a morte/se implora.	A vida não é melancolia...	+
24. No embalo das festas de final de ano na Bahia, o mais novo casal de periquitos começa a <u>bater asas</u> . Junta o campeão dos superpenas Acelino Freitas, o Popó, e Carla Perez. Os dois estão circulando, juntinhos da silva em Salvador.	Eles estão saindo juntos = (Popó e Carla Perez estão namorando.)	+
25. O bandido a gente conhece pelas tatuagens e pela roupa que ele usa. É só <u>bater o olho</u> e eu sei se o cara deve ou não afirma. (...) É só <u>bater o olho</u> e eu sei se o cara deve ou não.	Reconhecer	+
26. Acho que esse garoto tem o direito de amar quem ele quiser, mas não pode obrigar ninguém a corresponder a esse amor. Saber ganhar e saber perder (e <u>bater em retirada</u> com dor, mas com dignidade) é uma virtude que, se ele não possui, deve aprender depressa. Isso irá evitar sofrimentos desnecessários para ele e para os outros.	Desistir	+

\* Estes símbolos representam a marca que denota maior ou menor afastamento em relação à referência básica do verbo.

(+) = Afastamento grande/total.

(-) = Não afastamento.

(±) = Afastamento parcial

Tomamos o quadro dos verbos apresentado em Borba (1999, p. 142-143) como referência para estabelecer o nível básico do verbo *bater*. Assim, quanto mais próximo estiver ele da referência básica, mais fácil de apreender a significação do verbo. É o que Koch (2004, p. 276) chama de nível ótimo de percepção, onde é possível formar uma imagem que represente toda categoria.

Percebemos, no entanto, a dificuldade de apontar o protótipo de uma categoria na dimensão metafórica, pois o leque de representações é muito aberto.

A existência de categorias de níveis básicos revela que esta é a forma como percebemos e atuamos com os objetos. Esse é o ponto de partida por meio do qual somos capazes de expandirmos conceitos mais abstratos.

Em “*bater asas*”, mesmo que o campo da abstratização nos remeta para a idéia de partir, ou como vimos no item (24) estar junto, *bater* deixa de se realizar como um verbo de ação propriamente dito. Há uma distancia maior entre a categoria prototípica e sua expansão. O resultado é a projeção metafórica na qual há aquisição de um novo significado. É interessante destacar a importância do contexto, pois, como se percebe no item (24), só recorrendo a este se pode alcançar sua significação.

Considerando algumas relações lingüísticas com o verbo *bater*, parece apropriado remeter algumas dessas realizações para o campo das metáforas estruturais, tendo, como ponto de partida, a referência à metáfora estrutural DISCUSSÃO RACIONAL É GUERRA. Lakoff e Johnson (2000, p. 133-134) afirmam que as metáforas estruturais além de orientar conceitos, nos permitem, também, usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara a fim de estruturar outro conceito.

As metáforas são fundamentadas em correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência. Por exemplo, as construções ora em análise, apresentam uma estreita correlação com o campo semântico GUERRA.

- Bater de frente;
  - Bater o pé;
  - Bater martelo;
  - Bater duro;
  - Bater boca;
  - Bater alguém;
  - Bater em retirada.
- } BATER É ENFRENTAR (“GUERREAR”)

Sabemos que o cotidiano da vida é marcado pela luta diária; quer seja pela sobrevivência, quer seja pelo poder. No contexto dos textos jornalísticos que tratam de política, economia ou esporte, temas nos quais predominam os exemplos de nosso recorte, a linguagem reflete e se materializa, conceptualizando esse embate de forças presentes em nosso cotidiano, como confirma Lakoff e Johnson abaixo:

(...) não apenas nossa concepção de discussão, mas também a nossa maneira de desenvolvê-la fundamentam-se em nosso conhecimento e em nossa experiência de combate físico. Mesmo que você não tenha jamais em sua vida experienciado uma luta física, muito menos provavelmente uma guerra, você ainda concebe discussões e discute de acordo com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, porque tal metáfora faz parte do sistema conceptual da cultura na qual você vive. Todas as discussões consideradas “racionais”, aquelas que se enquadram no ideal de DISCUSSÃO RACIONAL, não são apenas concebidas em termos de guerra, mas quase todas contêm, de maneira subjacente, as táticas “irracionais” e “desleais” que as discussões racionais, em sua forma ideal, não deveriam apresentar. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 136)

Nesse sentido, entendemos a capacidade de os falantes desenvolverem conceitos mais abstratos como sendo uma consequência de sua percepção e de sua ação no mundo. E que, quanto mais abstratizam determinadas construções lingüísticas, essas construções metafóricas também são mais produzidas.

Nos exemplos dos **Quadros-3**, nos deparamos com realizações que adquirem um sentido pragmático, em função de sua contextualização e não de seus aspectos sintáticos.

Isso implica considerar que as realizações discursivas que permeiam a gramática da língua é algo definidor para obtermos resultados que dêem conta da funcionalidade dos enunciados, nas circunstâncias pragmáticas, como bem destaca Azeredo:

O discurso se situa, inevitavelmente, no ponto de tensão entre dois pólos: a individualidade criativa do locutor/enunciador e o conjunto de variáveis que, externas a ele, limitam, condicionam ou afetam de diversos modos a enunciação: o código lingüístico, o interlocutor, o tempo, o espaço, a situação social, o conteúdo, crenças e valores culturais, o texto em processo, outros textos. (AZEREDO, 2000, p. 121)

Como se vê, a necessidade de se levar em conta o fato de a estrutura gramatical estar vinculada ao uso que se faz da língua, no contexto da situação comunicativa, impõe compreender a gramática motivada pelas circunstâncias específicas do uso.

A motivação para a ocorrência do processo de gramaticalização, tanto pode estar embasada nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas ainda suficientemente adequadas. Devendo-se observar, ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes.

Esta nossa reflexão evidencia que a regularidade das funções se estabelece com os usos do verbo *bater*, pois este agrupa um conjunto multi-referencial de elementos, tendo como base o termo *bater*, mas que nos exemplos citados já não carrega em si sua essência da classe verbal sujeito/agente.

Esses usos estão relacionados com intenções de fala nas quais o falante opta por metaforizar seu dizer, abstraindo, talvez inconscientemente, o sentido mais concreto que exerce este verbo na sua acepção inicial.

#### 4 Considerações finais

Esta breve análise mostra que o papel verbal desempenhado por *bater* aponta para uma diversidade produtiva de expressões gramaticais. Também que, o movimento indo do protótipo do verbo *bater* veiculado por um sentido mais concreto até seus usos mais abstratos revela particularidades cognitivas do falante e do grau de produtividade do Português brasileiro. Tais questionamentos justificam o aprofundamento deste estudo.

#### 5 Referencias bibliográficas

ALVES, Eliane Ferraz et al. (org.). (2001). **Linguagem em foco**. João Pessoa-PB: Idéia.

\_\_\_\_\_(1999). **Construções Lexicais complexas com o verbo “levar”**. Tese de Doutorado. Recife-PE: Programa de pós-graduação em Letras e Lingüística.

AZEREDO, José Carlos de.(2001). **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BORBA, Francisco da Silva (coord.).(1990.) **Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: UNESP.

*Folha de São Paulo*, (1998; 1999) Jornal. CD-ROM.

HOPER, Paul; THOMPSON, Sandra. (1980). **Transitivity in grammar and discourse**. *Language*, 56 (2), p. 251-299.

KOCH, Ingedore Villaça e CUNHA-LIMA, Maria Luiza. (2004). Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.) **Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos 3**. São Paulo: Cortez, p. 165-218.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark.(2002). **Metáforas da vida cotidiana**. Chicago: The University of Chicago Press.

LEPSCHY, G. C.(1975). **A Lingüística Estrutural**. Trad. Nites et al. São Paulo: Perspectiva.

NEVES, Maria Helena de Moura.(2004). **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes

\_\_\_\_\_ (2002). **A gramática, história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Contexto.

PEZATTI, Erolde Goreti. (2004). O funcionalismo em Lingüística. In: MUSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). **Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos 3**. São Paulo: Cortez, p. 165-218.

SARAIVA, F. R. dos Santos. (2000). **Dicionário Latino-Português**. Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico etc. 11<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Livraria Garnier.

VILELA, Mário. (2002). **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Almedina.

VOTRE, Sebastião et al. (1996). **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro.